

O OFÍCIO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DA ECOLINGUÍSTICA

Luzanira Augusta de Lima Guedes (IC)*

luzaniraaugusta@gmail.com

Zilda Dourado Pinheiro (PQ)

(Universidade Estadual de Goiás/Câmpus Quirinópolis).

Avenida Brasil, n 435 – Conjunto Hélio Leão II, Quirinópolis – GO, CEP: 75.860-000.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma sequência didática sobre a Arte de contar histórias na perspectiva da Ecolinguística de Couto (2016). Essa teoria aplica os conceitos ecológicos aos estudos linguísticos. De acordo com Couto, Couto & Borges (2015), a língua é a própria interação linguística em seus meios ambientes mental, social e natural. Assim, o trabalho de se contar história, na perspectiva da Ecolinguística, compreende a contação de histórias como uma interação comunicativa entre narrador e ouvinte, em um lugar, vivendo e convivendo como uma comunidade de fala. Essa é, sem dúvida, a finalidade primeira de pesquisar e conhecer melhor o ofício do Contador de História na perspectiva da Ecolinguística, visto que por meio das histórias, as pessoas passam a conhecer as variedades da linguística, assim como da cultura, da memória e da cosmovisão de seu povo. Dessa forma, a sequência didática pretende trabalhar essa interação comunicativa em sala de aula, para promover o incentivo à leitura e o gosto pela Literatura.

Palavras-chave: Ecolinguística. Contador de histórias. Interação. Comunidade. Meio ambiente.

Introdução

A arte de contar histórias faz parte da história do homem. Tal arte traz em si as marcas da cultura oral, cultura essa que se perpetuou por séculos e nesse entre meio tecia as histórias contadas por pessoas que transmitiam essas narrativas de geração a geração. Assim, a ação de contar e ouvir histórias perpetua a memória cultural e afetiva de uma comunidade.

Atualmente, a arte de contar histórias tem sido muito trabalhada nas aulas de língua portuguesa para incentivar os alunos a gostarem de ler e a apreciarem os livros de literatura. Assim, por meio da interação entre contador e ouvinte, as aulas se tornam mais dinâmicas e as histórias são vivenciadas por todos presentes naquele ambiente. Esse universo pretende ser explorado por esse trabalho por meio de uma

sequência didática da arte de contar histórias desenvolvida na turma do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio CEPI Independência, da cidade de Quirinópolis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho tem como fundamentação teórica autores que abordam a língua/linguagem no contexto da Ecolinguística. De acordo com Couto, Couto & Borges (2015), a Ecolinguística é o estudo das interações entre língua, povo e território nos meios ambientes mental, social e natural.

O meio ambiente mental é estudado na perspectiva dos falantes. De acordo com Couto (2012), esse meio ambiente refere-se ao cérebro dos indivíduos. Nele está o imaginário, o conjunto de imagens e de suas relações que compõem o capital pensante do homo sapiens (Durand, 2002). No meio ambiente mental também está a imaginação, a faculdade de perceber, assimilar, criar e reproduz imagens

O imaginário é constitutivamente subjetivo e coletivo. Por meio do trajeto antropológico é possível estudar o ser humano em sua totalidade biológica, social, psíquica e natural. Esse trajeto é o intercâmbio de imagens que acontece na interação do imaginário individual com o imaginário coletivo. As imagens são impressões psíquicas que, na linguagem verbal, estão materializadas na figuratividade dos símbolos. Durand (2002) conceitua o símbolo em sua metaforização, processo do imaginário, por isso, toda imagem é símbolo.

O imaginário é estrutura em reflexos dominantes, arquétipos e regimes. Os reflexos dominantes começam a ser materializados no imaginário pelos arquétipos, cuja força motriz constela as imagens em três regimes: diurno, noturno e crepuscular. O regime diurno é o da verticalidade e agrupa todas as imagens de heroísmo, antítese e queda. Ele é composto pela estrutura heroica. O regime noturno é da deglutição e agrupa todas as imagens de eufemização, comunhão e descida introspectiva. Ele é composto pela estrutura mística. E o regime crepuscular é associado à dominante da cópula, pelos símbolos cíclicos e messiânicos, ele é composto pela estrutura dramática, pois as imagens dinamizam-se em torno dos ciclos da vida, em que, pela dramatização, há uma alternância entre os regimes diurno e noturno na construção de uma filosofia de vida por parte do sujeito.

Pelo trajeto antropológico, também é possível estudar o discurso em uso nos contextos sócio-históricos, presente nos sistemas filosóficos, religiosos, políticos,

etc. Para dar conta disso e, sem adentrar no campo de estudos do discurso, Durand (2002), apoiado nos estudos de mitologia, em seu aspecto psicológico e arquetipal (protagonizado por Mircea Eliade, Joseph Campbell, Lévi Strauss, dentro outros), desenvolveu um viés sociológico para a Antropologia do Imaginário pela metodologia, isto é, uma metodologia de estudo dos mitos nas diferentes sociedades.

O mito, para Durand (2002), é o prolongamento dos reflexos, arquétipos e símbolos que se compõem em uma narrativa implícita nos sistemas filosóficos, religiosos, políticos, artísticos, etc. O imaginário e os mitos têm profunda relação com as narrativas contadas em um grupo social. O contador de histórias pode ser visto, então, como um guardião desse imaginário coletivo, dos mitos que compõem cada sociedade em cada época de sua existência. Também atua em seu ofício por meio de seu imaginário, a escolha das suas histórias também diz sobre o seu imaginário individual em interação com o imaginário coletivo. Isto é, a sua interação como pessoa com a sua própria comunidade, em seu meio ambiente social.

De acordo com Couto, Couto & Borges (2015), o meio ambiente social compreende a organização da sociedade em uma comunidade de interação comunicativa. Ela é estudada na perspectiva da comunidade de língua e da comunidade de fala. A comunidade de língua compreende todo o espaço territorial de uma língua, por exemplo, o Brasil é um território da comunidade de língua portuguesa. Já a comunidade de fala compreende duas ou mais pessoas interagindo linguisticamente em um território, nesse sentido, o diálogo é considerado como a interação linguística prototípica. Dentro dessa visão, podemos entender a sessão de histórias como um momento em que se forma uma comunidade de fala em razão do contador.

Por fim, o meio ambiente natural compreende o lugar onde a comunidade de fala vive e convive em suas interações linguísticas. O contador de histórias pode fazer o ofício em casa, na escola, no rádio, na rua, etc. Esses são os espaços das suas interações comunicativas com os seus ouvintes.

Assim, os meios ambientes mental, social e natural sustentam a interação linguística. Desse modo, a língua é considerada como a própria interação linguística. O que permite estudar a arte de contar histórias como uma interação comunicativa em seu meio ambiente mental, social e natural. Pois, ao compartilhar uma narrativa, o contador fala da organização social da comunidade (meio ambiente social); do

imaginário (meio ambiente mental); e do espaço onde aquele grupo vive e convive (meio ambiente natural).

A relação do contador de histórias com o ouvinte pode ser considerada como uma interação comunicativa sustentada pela cultura e pela visão de mundo do lugar onde essas pessoas vivem. É nesse termos que a arte de contação de histórias contribui para a melhoria do ensino de língua portuguesa.

Material e Métodos

A metodologia da Ecolinguística, de acordo com Couto, Couto & Borges (2015), é a de delimitar um grupo interagindo em um território, o que compõe o ecossistema linguístico. Quanto ao aspecto geral do projeto Contação de histórias estão fundamentados no bibliográfico/exploratório na seleção de textos literários para serem trabalhados em sala de aula;;

Resultados e Discussão

Tal como defende Barcellos (2016), todos nós somos contadores de histórias, pois todos nós sempre narramos algo, nos comunicamos, compartilhamos ideias e sentimentos por meio dessas narrativas. Nesse sentido, a arte de contar histórias é milenar, ancestral, nos compõem como indivíduos. Com os postulados da Ecolinguística, essa pesquisa considera a contação de histórias como uma interação comunicativa que transmite cultura e reatualiza a memória do grupo social.

Por tudo isso, a sequência didática da arte de contar histórias em sala de aula permite reconhecer a capacidade/criatividade narrativa de cada aluno. Também permite maior conhecimento da cultura local, por meio do contato com contadores de histórias da cidade de Quirinópolis.

Considerações Finais

Como as histórias têm um forte conteúdo simbólico e mítico, essa pesquisa também se sustenta na Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand. Essa teoria possibilitou a Couto (2012) propor o imaginário como o meio ambiente mental da

língua. Assim, essa pesquisa pode estudar tanto o imaginário do contador de histórias, quanto o imaginário das histórias que ele conta em seu meio social.

Portanto, essa pesquisa pode contribuir muito para descrever e analisar o papel dos contadores de histórias na cidade de Quirinópolis. Assim como para divulgar parte do imaginário coletivo desse lugar por meio das narrativas coletadas e das entrevistas com os contadores contribuintes da pesquisa.

Agradecimentos

Dedico este trabalho às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foram a melhor experiência da minha formação acadêmica, dedico também a minha família e Deus que me deu perseverança e animo mediante a esta trajetória.

Referências

BARCELOS, A. **O contador de histórias contemporâneo**. Anais do III COMA – Coletivo da Pós-Graduação em arte: entrelinhas. Brasília: IDA, 118-128. Disponível em:

[file:///C:/Users/Net/Downloads/%C3%82ngela%20Barcellos%20Caf%C3%A9%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Net/Downloads/%C3%82ngela%20Barcellos%20Caf%C3%A9%20(1).pdf). Acesso em 12.10.16

COUTO, Hildo Honório do. **Contato Interlinguístico: da interação à gramática**. Disponível em https://docs.google.com/file/d/oB6hlhMM_ItiGRzJibTRORWdSUHc/edit1, 1999. ASS em 12/10/2016 às 8 h.

COUTO, H; COUTO, E. N.; BORGES, L. **Análise do Discurso Ecológica (ADE)**. Campinas: Pontes, 2015.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Campos do imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.